

ELE TEM UM CORAÇÃO DE GELO...
MAS, POR ELA, INCENDIARIA O MUNDO

AMOR

corrompido

Twisted Love

ANA HUANG



TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

ANA HUANG

AMOR

corrompido

Twisted Love

ELE TEM UM CORAÇÃO DE GELO...
MAS, POR ELA, INCENDIARIA O MUNDO

Tradução

Débora Isidoro



TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

Copyright © TWISTED LOVE by Ana Huang, 2021

Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2023

Todos os direitos reservados.

Título original: *Twisted Love*

Preparação: Angélica Andrade

Revisão: Andréa Bruno e Renato Ritto

Projeto gráfico e diagramação: Márcia Matos

Capa: E. James Designs/ Sourcebooks

Imagens de capa: tomert/ depositphotos

Adaptação de capa: Camila Senaque

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Huang, Ana

Amor corrompido / Ana Huang; tradução de Débora Isidoro. –
São Paulo: Planeta do Brasil, 2023.

320 p.

ISBN 978-85-422-2139-8

Título original: *Twisted Love*

1. Ficção norte-americana I. Título II. Isidoro, Débora

23-0675

CDD 813

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção norte-americana



Ao escolher este livro, você está apoiando o
manejo responsável das florestas do mundo

2023

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.

Rua Bela Cintra, 986 – 4º andar

01415-002 – Consolação

São Paulo-SP

www.planetadelivros.com.br

faleconosco@editoraplaneta.com.br

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

Ava

HAVIA COISAS PIORES DO QUE FICAR PLANTADA NO MEIO DO NADA durante um temporal. Por exemplo, eu poderia estar fugindo de um urso raivoso pronto para me atacar. Ou amarrada a uma cadeira em um porão escuro, sendo forçada a ouvir “Barbie Girl”, do Aqua, sem parar, até preferir comer meu braço a ouvir mais uma vez a frase que dá nome à canção.

Mas o fato de haver coisas piores não queria dizer que aquela não era ruim.

Para. Pensa positivo.

“Um carro vai aparecer... *agora.*”

Olhei para a tela e engoli a frustração quando vi que o app continuava procurando um motorista próximo, como havia feito durante a última meia hora.

Em uma situação normal, eu estaria menos estressada, afinal, pelo menos o celular estava funcionando e o toldo do ponto de ônibus protegia meu corpo quase inteiro da chuva torrencial. Mas a festa de despedida de Josh começaria em uma hora, eu ainda precisava buscar o bolo surpresa na confeitaria e já estava escurecendo. Posso até ser uma garota do tipo copo meio cheio, mas não era idiota. Ninguém, especialmente não uma universitária sem nenhum talento marcial, gosta de ficar sozinho no meio do nada à noite.

Devia ter feito aquelas aulas de defesa pessoal com a Jules, como ela queria.

Ponderei sobre minhas opções limitadas. O ônibus que parava naquele ponto não circulava aos fins de semana, e a maioria dos meus amigos não tinha carro. Bridget tinha o do trabalho, mas estava em um evento da embaixada até às sete horas da noite. O aplicativo que eu costumava usar não funcionava e não tinha visto um mísero carro passar desde que começara a chover. Não que eu fosse pegar carona, óbvio... Já vi muito filme de terror nessa vida, muito obrigada.

Só me restava uma alternativa – uma a qual eu *realmente* não queria recorrer, mas nem sempre a gente pode escolher.

Abri a lista de contatos do telefone, fiz uma prece silenciosa e liguei.

Um toque. Dois toques. Três toques.

Vai, atende. Ou não.

Não sabia o que seria pior: ser assassinada ou lidar com meu irmão. É óbvio que sempre havia a chance de esse mesmo irmão me matar por eu ter me enfiado nessa situação, mas esse era um problema para depois.

— O que aconteceu?

Torci o nariz ao ouvir o cumprimento.

— Oi pra você também, querido irmão. Por que tá achando que aconteceu alguma coisa?

Josh bufou.

— Você me ligou. E você nunca liga a menos que tenha um problema.

Verdade. A gente preferia mensagens de texto. Além disso, éramos vizinhos – só para constar: não foi ideia minha –, então isso raramente era necessário.

— Eu não diria que tenho um problema. É mais uma... dificuldade. Estou em um lugar sem transporte público e não consigo um carro pelo aplicativo.

— Caramba, Ava. Onde você tá?

Respondi.

— O que você tá fazendo aí, cacete? Esse lugar é a uma hora do campus!

— Para de drama. Vim fotografar, e é só meia hora de carro. Trinta e cinco minutos, com trânsito.

Um trovão balançou os galhos das árvores próximas. Eu me encolhi e recuei mais para o fundo do abrigo, não que fizesse alguma diferença. O vento soprava a chuva, e os pingos que me atingiam eram tão pesados que doíam.

Ouvi um farfalhar do outro lado da linha e um gemido baixo de Josh.

Parei, certa de que estava ouvindo mal, mas não, o barulho se repetiu. Outro gemido.

Arregalei os olhos, aterrorizada.

— Você tá *transando*? — sussurrei alto demais, embora não houvesse ninguém por perto.

O sanduíche que engoli antes de sair para fotografar ameaçou voltar. Não tinha nada – repito, nada – mais nojento que ouvir um parente no meio do coito. Só de pensar senti ânsia.

— Tecnicamente, não — respondeu Josh, sem se abalar.

A palavra “tecnicamente” não melhorou a situação.

Não precisava ser um gênio para decifrar a resposta vaga de Josh. Talvez ele não estivesse no meio do ato, mas alguma coisa estava acontecendo, e eu não tinha a menor vontade de saber que “coisa” era essa.

— Josh Chen.

— Ei, foi você quem ligou.

Ele devia ter coberto o fone, porque as palavras seguintes soaram abafadas. Ouvi uma risada feminina baixa seguida por um gritinho, e quis lavar com cloro minhas orelhas, meus olhos, minha *cabeça*.

— Um dos caras foi comprar mais gelo com meu carro. — A voz de Josh voltou a soar alta. — Mas não se preocupa, vou te resgatar. Manda sua localização e fica com o celular perto. Ainda tem o spray de pimenta que comprei pra você no seu último aniversário?

— Tenho. Obrigada, aliás.

Na época, eu queria uma bolsa nova para a câmera, mas Josh me deu uma embalagem com oito unidades de spray de pimenta. Nunca usei nenhuma, o que significava que ainda guardava as oito embalagens no fundo do closet, menos uma, que ficava na minha bolsa.

Meu irmão não percebeu o sarcasmo. Para um estudante de medicina que só tirava notas máximas, às vezes ele era bastante burro.

— Por nada. Fica aí, ele chega daqui a pouco. Mais tarde a gente conversa sobre sua completa falta de autopreservação.

— Estou autopreservada — protestei. *Essa era a palavra certa?* — Não é minha culpa se não tem... espera, como assim “ele”? Josh!

Tarde demais. Meu irmão já havia desligado.

Fazia sentido que, na única vez que eu pedia explicações, ele me deixaria de lado e preferiria quem estava na sua cama. Fiquei surpresa por ele não ter surtado, considerando que foi Josh que inventou o “super” de “superprotetor”. Desde O Incidente, ele se encarregou de cuidar de mim como se fosse meu irmão e meu guarda-costas, tudo no mesmo pacote. Não o culpava – nossa infância havia sido caótica, ou era o que tinham me dito – e eu o amava muito, mas a preocupação constante que ele demonstrava às vezes era um pouquinho exagerada.

Eu me sentei no banco e abracei a mochila de um lado, deixando o couro rachado aquecer minha pele enquanto esperava o misterioso “ele” aparecer. Podia ser qualquer um. O estoque de amigos de Josh era enorme. Ele sempre fora o Sr. Popular – no ensino médio: jogador de basquete, presidente do grêmio estudantil e rei do baile de volta às aulas no ensino médio; na universidade: membro da fraternidade Sigma e “o cara” do campus.

Eu era o oposto. Não que fosse *impopular*, apenas evitava os holofotes e preferia um pequeno grupo de amigos a um grande grupo de colegas. Se Josh era a alma da festa, eu era a que ficava sentada no canto e sonhava acordada com todos os lugares que queria visitar, mas que provavelmente nunca conheceria. Não que minha fobia tivesse alguma coisa a ver com isso.

A *merda* da fobia. Eu sabia que era tudo emocional, mas parecia físico. A náusea, o coração disparado, o medo paralisante que transformava os membros em coisas inúteis, congeladas...

O ponto positivo era que, pelo menos, não tinha medo de chuva. Oceanos, lagos e piscinas eu podia evitar, mas chuva... é, eu estaria ferrada.

Não sabia há quanto tempo estava encolhida sob o toldo do ponto de ônibus, amaldiçoando minha falta de previdência por ter recusado a oferta dos Grayson para me levar de volta à cidade depois da sessão de fotos. Não quis ser inconveniente e esperava pedir um carro e estar de volta ao campus da Thayer em meia hora, mas o céu desabou assim que o casal foi embora e, bom, eu ainda estava esperando.

Estava escurecendo. Tons de cinza se misturavam aos azuis frios do crepúsculo, e eu começava a ter medo de que o misterioso “ele” não aparecesse, mas Josh nunca me deixara na mão. Se um dos amigos dele não quisesse vir me buscar, estaria com as pernas quebradas no dia seguinte. Josh era estudante de medicina, mas não tinha nenhum escrúpulo quanto a usar violência quando a situação exigia – especialmente quando essa situação tinha a ver comigo.

Luz de faróis fатиou a cortina de chuva. Semicerrei os olhos para tentar enxergar, com o coração dividido entre a esperança de ser minha carona e o medo de ser um possível psicopata. Aquela parte de Maryland era bastante segura, mas vai saber.

Quando meus olhos se ajustaram à luz, respirei, aliviada, mas dois segundos depois a tensão voltou.

A boa notícia? Reconheci o Aston Martin preto vindo na minha direção. Era de um dos amigos de Josh, o que significava que eu não seria mencionada nos jornais daquela noite.

A má notícia? A pessoa que dirigia era a última que eu queria, ou esperava, que fosse me buscar. Não era o tipo de cara que faz o favor de ir buscar a irmãzinha do amigo. Era do tipo capaz de destruir uma pessoa e tudo que ela mais valorizava por causa de um olhar torto, e se mantinha tão calmo e lindo que ela nem notava que o mundo estava pegando fogo até ter virado cinzas aos pés calçados com um Tom Ford.

Passei a língua pelos lábios secos enquanto o carro parava na minha frente e a janela do lado do passageiro descia.

— Entra.

Ele não ergueu a voz – como sempre –, mas ouvi em alto e bom som, apesar da chuva.

Alex Volkov era uma força da natureza, e imaginei que até o clima lhe obedecia.

— Espero que não esteja esperando eu abrir a porta — disse ele quando não me mexi. Parecia tão feliz quanto eu com a situação.

Que cavalheiro.

Comprimi os lábios e engoli uma resposta sarcástica, depois me levantei e entrei no carro. O interior tinha um aroma agradável e caro, como uma boa colônia e couro italiano. Não havia toalha para forrar o banco, então só me restava torcer para não estragar o estofamento caro.

— Obrigada por vir. De verdade — falei, tentando quebrar o silêncio gelado.

Falhei. Miseravelmente.

Alex não respondeu, nem sequer olhou para mim enquanto voltava ao campus pelas curvas da pista escorregadia. Dirigia como andava, falava e respirava – firme e controlado, com um subtom de perigo que alertava sobre uma possível sentença de morte a quem se atrevesse a desafiá-lo.

Era o oposto de Josh, e ainda me espantava o fato de eles serem melhores amigos. Pessoalmente, achava Alex um babaca. Não duvidava de que ele tivesse suas razões, algum tipo de trauma psicológico que o havia transformado em um robô insensível. Com base nos fragmentos de informação

que coletei de Josh, a infância de Alex fora pior do que a nossa, mas nunca consegui arrancar os detalhes. Só sabia que os pais dele tinham morrido quando Alex era pequeno e deixado uma montanha de dinheiro, que o garoto quadruplicou ao tomar posse da herança, aos dezoito anos. Não que precisasse disso, afinal ele havia inventado um software de modelo financeiro quando estava no ensino médio e ficado multimilionário antes de ter idade o suficiente para votar.

Com um QI de cento e sessenta, Alex Volkov era um gênio, ou quase. Era a única pessoa na história da Thayer a concluir o programa duplo de graduação e MBA de cinco anos em três, e aos vinte e seis anos se tornara o COO de uma das companhias de desenvolvimento imobiliário mais bem-sucedidas do país. Alex era uma lenda e sabia disso.

Enquanto ele conquistava tudo isso, eu achava que estava indo bem quando me lembrava de comer enquanto conciliava as aulas, os cursos extracurriculares e os dois trabalhos, um de recepcionista na McCann Gallery e outro de fotógrafa, serviço que prestava a quem quisesse me contratar. Formaturas, noivados, festa de aniversário do cachorro, eu fazia tudo.

— Vai na festa do Josh? — perguntei, tentando puxar conversa de novo.

O silêncio estava acabando comigo.

Alex e Josh eram melhores amigos desde que dividiram um quarto na Thayer oito anos antes. Desde então, Alex participava das comemorações do Dia de Ação de Graças e outras datas com nossa família todo ano, mas eu ainda não o conhecia *de verdade*. Alex e eu não conversávamos, a menos que fosse sobre Josh ou para pedir para passar as batatas à mesa do jantar, coisas desse tipo.

— Vou.

Beleza. Conversa encerrada, pelo jeito.

Comecei a pensar nas milhões de coisas que tinha para fazer no fim de semana. Editar as fotos da sessão com os Grayson, trabalhar na proposta que mandaria para a bolsa do World Youth Fellowship, ajudar Josh a terminar de fazer as malas depois de...

Droga! Esqueci completamente do bolo de Josh.

Tinha feito a encomenda duas semanas antes da festa, o prazo mínimo para pedir qualquer coisa na Crumble & Bake. Era a sobremesa favorita de

Josh, um bolo de três camadas de chocolate amargo com fudge e recheio de creme de chocolate. Ele só comia aquilo no aniversário, mas, como passaria um ano fora do país, imaginei que tudo bem quebrar a regra.

— Então... — Coloquei meu maior e mais radiante sorriso no rosto. — Não me mata, mas a gente tem que passar na Crumble & Bake.

— Não. Já estamos atrasados.

Alex parou em um semáforo fechado. Estávamos de volta à civilização, e já dava para ver os contornos de um Starbucks e um Panera através do vidro molhado de chuva.

Meu sorriso se manteve.

— É só um *desviozinho*. Vou levar quinze minutos, no máximo. Só preciso pegar o bolo do Josh. Sabe o Morte de Chocolate, aquele que ele adora? Meu irmão vai passar um ano na América Central, e lá não tem C&B, ele viaja daqui a dois dias, e...

— Para.

Alex apertou o volante, e minha cabeça louca e cheia de hormônios notou como seus dedos eram bonitos. Sei que é meio maluco, afinal quem tem *dedos* bonitos? Mas os de Alex eram. No que dizia respeito ao físico, *tudo* nele era bonito. Os olhos verdes brilhantes como lascas de uma geleira embaixo de sobrancelhas escuras; o queixo pronunciado e elegante; as maçãs do rosto esculpidas; o porte esguio e robusto; o cabelo castanho-claro que era, ao mesmo tempo, bagunçado e perfeitamente alinhado. Alex era como uma estátua de um museu italiano que ganhara vida.

O impulso de bagunçar o cabelo dele como faria com uma criança se apoderou de mim, só para ele deixar de ser tão perfeito – o que era irritante para nós, meros mortais –, mas não queria morrer, então mantive as mãos firmes sobre as pernas.

— Se eu te levar à Crumble & Bake, você vai parar de falar?

Não havia dúvida, ele estava arrependido de ter ido me buscar.

Meu sorriso se alargou.

— Se você quiser...

Seus lábios ficaram mais finos.

— Certo.

Isso!

Ava Chen: um.

Alex Volkov: zero.

Quando chegamos à confeitaria, soltei o cinto de segurança e me virei para abrir a porta, mas Alex segurou meu braço e me puxou de volta. Ao contrário do que eu esperava, seu toque não era frio. Era escaldante e queimou minha pele e meus músculos, atravessando todas as camadas do meu corpo, até chegar ao fundo do estômago.

Engoli em seco. *Hormônios idiotas.*

— Que foi? A gente já tá atrasado, e eles vão fechar daqui a pouco.

— Você não pode sair assim.

Uma notinha sutil de desaprovação se fazia presente nos cantos da boca.

— “Assim” como? — perguntei, confusa.

Vestia jeans e camiseta, nada escandaloso.

Alex inclinou a cabeça para meu peito. Olhei para baixo e soltei um gritinho horrorizado. Minha. Camiseta. Branca. Molhada. Transparente. Não *um pouco* transparente, como se desse para ver o contorno do sutiã com um olhar mais atento. Transparente de verdade. Sutiã de renda vermelha, mamilos salientes – valeu, ar-condicionado –, o pacote completo.

Cruzei os braços sobre o peito e senti o rosto ficar vermelho da cor do sutiã.

— Estava assim o tempo todo?

— Estava.

— Podia ter me avisado.

— Eu avisei. Agora.

Às vezes, sentia vontade de estrangulá-lo. De verdade. E eu nem era uma pessoa violenta. Continuava a mesma garota que passara anos sem comer biscoitos de gengibre em forma de bonequinhos porque tinha assistido a *Shrek* e ficava com a sensação de estar comendo membros da família do Homem-Biscoito ou, pior ainda, o próprio Homem-Biscoito, mas algo em Alex despertava meu lado sombrio.

Soltei um suspiro cortante e abaixei os braços por instinto, sem nem me lembrar da camiseta transparente, até perceber Alex olhando para meu peito de novo.

A cara vermelha voltou, mas eu estava farta de ficar ali sentada discutindo com ele. A Crumble & Bake fecharia em dez minutos, e o tempo estava passando.

Talvez por causa do homem, do clima ou da hora e meia que passara presa sob o toldo de um ponto de ônibus, mas minha frustração transbordou antes que eu pudesse evitar.

— Em vez de ser um cuzão e ficar encarando meus peitos, por que não me empresta sua jaqueta? Porque eu quero muito pegar esse bolo e dar ao meu irmão, seu melhor amigo, uma despedida decente antes de ele sair do país.

Cobri a boca com a mão, horrorizada, mas minhas palavras ficaram pairando no ar. Eu tinha acabado de pronunciar a palavra “peitos” em voz alta para Alex Volkov e acusá-lo de estar olhando para os meus? E o chamei de “cuzão”?

Meu Deus, se o Senhor mandar um raio sobre minha cabeça agora, não vou ficar brava. Prometo.

Alex semicerrou ainda mais os olhos. Esse gesto estava entre as cinco reações mais emocionais que consegui provocar nele em oito anos, então já era alguma coisa.

— Pode acreditar, eu não estava olhando para os seus peitos — respondeu ele em um tom frio o suficiente para transformar as gotinhas de chuva espalhadas por minha pele em partículas de gelo. — Você não faz meu tipo, mesmo que não fosse irmã do Josh.

Ui. Eu também não estava interessada em Alex, mas nenhuma garota gosta de ser dispensada com tanta facilidade.

— Beleza. Não precisa ser grosso — resmunguei. — Olha só, a C&B fecha em dois minutos. Empresta sua jaqueta, e vamos sair daqui.

Tinha feito o pagamento on-line, então só precisava pegar o bolo.

Um músculo se contraiu na sua mandíbula.

— Eu pego. Você não vai sair do carro vestida desse jeito, nem com a minha jaqueta.

Alex tirou um guarda-chuva de baixo do banco e saiu do carro com um movimento ágil. Ele se movia como uma pantera, uma mistura de graça contida e intensidade precisa. Se quisesse, poderia ganhar muito dinheiro como modelo de passarela, mas duvido que faria algo tão “tosco”.

Voltou menos de cinco minutos depois com a caixa rosa e verde que era a marca registrada da Crumble & Bake embaixo do braço. Jogou-a no meu colo, fechou o guarda-chuva e saiu de ré da vaga em que havia estacionado em um piscar de olhos.

— Você nunca sorri? — perguntei, espiando o interior da caixa para ter certeza de que não haviam errado a encomenda. Não erraram. Um Morte de Chocolate na mão. — Podia ajudar com seu problema.

— Que problema? — rebateu ele em um tom entediado.

— Paunocuzite.

Já chamei o homem de cuzão, um insulto a mais não faria diferença.

Talvez tenha imaginado, mas acho que vi sua boca tremer, antes de ele responder na lata.

— Não. O quadro é crônico.

Minhas mãos paralisaram, meu queixo caiu.

— Você... acabou de fazer uma piada?

— O que estava fazendo na rua, afinal?

Alex mudou de assunto tão depressa que fiquei atordoada.

Ele tinha feito uma piada. Eu não acreditaria se não tivesse ouvido em primeira mão.

— Fui fotografar uns clientes. Tem um lago bonito em...

— Não precisa contar os detalhes. Não me interessa.

Um grunhido baixo escapou do meu peito.

— O que *você* tá fazendo aqui? Não faz o gênero chofer.

— Estava por perto, e você é irmã do Josh. Se morresse, eu teria que aturar o cara destruído.

Alex parou em frente à minha casa. Na casa vizinha, a de Josh, as luzes estavam acesas, e pela janela dava para ver pessoas dançando e rindo.

— Josh tem um péssimo gosto pra amizades — comentei, azeda. — Não sei o que ele vê em você. Espero que o pau no seu cu perfure um órgão vital.

— Depois, como meus pais me criaram muito bem, acrescente: — Obrigada pela carona.

Saí do carro. A chuva havia se transformado em uma garoa, e senti cheiro de terra molhada e hortênsias no vaso ao lado da porta. Tomei banho, troquei de roupa e peguei a segunda metade da festa de Josh. Torci para ele não me atormentar por ter ficado sem transporte na rua ou me atrasado, porque não estava com saco para discutir.

Nunca ficava brava por muito tempo, mas naquele momento meu sangue fervia, e minha vontade era socar a cara de Alex Volkov.

Ele era muito frio, arrogante e... e... *ele*. Era de enfurecer.

Pelos menos não precisava lidar com o cara com muita frequência. Josh normalmente o encontrava na cidade, e Alex não visitava a Thayer, embora fosse ex-aluno.

Graças a Deus. Se eu tivesse que ver Alex mais que umas dez vezes por ano, ficaria maluca.

